

## **“A mira do meu fuzil”: os missionários Redentoristas alemães residentes no Brasil e o medo do recrutamento no período da Segunda Guerra Mundial**

LORRANY MAIARA APARECIDA SILVA\*

### **Resumo:**

Este trabalho tem como escopo discutir acerca do serviço militar no período da Segunda Guerra Mundial, bem como o recrutamento de voluntários e civis brasileiros para a mesma, sob o prisma dos missionários Redentoristas alemães residentes no Brasil. Visamos ainda, analisar as possíveis raízes do medo que os missionários tinham do recrutamento de seus juvenistas, e o reflexo deste para as convocações ao serviço militar, como a busca por dispensa da prestação de serviços militares. Utilizamos como fonte correspondências trocadas entre os missionários da Congregação do Santíssimo Senhor Redentor que retratam o contexto em que dispomos compreender.

**Palavras-chave:** Medo. Recrutamento. Segunda Guerra Mundial. Redentoristas.

---

\* Graduanda do curso de Licenciatura Plena em História pela Universidade Estadual de Goiás – Campus Morrinhos.

## **1. O Recrutamento para a Segunda Guerra Mundial**

Durante o período da Segunda Guerra Mundial, quando tornou-se definitiva a decisão de envio de tropas brasileiras para o confronto em apoio aos Estados Unidos, as Forças Armadas viram-se diante de um contratempo logo que o número de combatentes espalhados pelos batalhões do país não possuía um número suficiente<sup>1</sup> para a realização de tal feito, culminando no recrutamento um maior número de militares e de voluntários.

No que tange a questão de armamento, o Brasil encontrava-se também em debilidade, pois por um histórico de conflitos políticos e civis com as forças militares haviam poucos investimentos em material bélico para o país. Entretanto, o que de fato possuía, era oriundo de importação de países envolvidos no conflito, o que tornava a situação ainda mais delicada. Logo, podemos pensar que foi um ato pretensioso ou de alto investimento nas Forças Armadas a decisão de apoio aos Aliados.

*As armas, munições e equipamentos originavam-se de fornecedores de diversos países, alguns dos quais em guerra contra o Brasil; havia carência de carros de combate, equipamentos de comunicação, engenharia, logística e peças de artilharia até para a defesa das fronteiras [...] Equipamentos que já eram usados na guerra, como criptógrafos, teletipos, detectores de minas, unidades de cozinha, limpeza e banho eram completamente desconhecidos por oficiais e praças. Um “novo” exército deveria ser criado para o combate no Mediterrâneo. (FERRAZ, 2005: 44).*

Como forma de planejamento militar e de ganhar tempo para pensar em formas de executar o recrutamento, primeiramente foram enviados militares para o reconhecimento empírico do contexto beligerante em que estariam prestes a se envolver, com o fito de detectar aspectos relevantes para auxiliar no treinamento<sup>2</sup> daqueles que viriam posteriormente.

---

<sup>1</sup> Segundo Ferraz (2005), o efetivo do E.B. era de aproximadamente 90 mil homens, sendo que uma parcela destes realizariam o treinamento.

<sup>2</sup> “Aquela guerra exigia mais que armas e equipamentos modernos. Os homens que os portavam e manejavam precisavam de aptidão física e intelectual maiores do que aquelas necessárias na Primeira Guerra”. (FERRAZ, 2005: 45).

*Um grupo de oficiais, sob o comando de Mascarenhas<sup>3</sup>, foi enviado ao Norte da África e à Itália, em dezembro de 1943, para observar e colher as informações necessárias sobre o tipo de guerra, o terreno de operações e as potencialidades dos aliados e dos inimigos no Teatro de Operações do Mediterrâneo. [...] bem como para prestar ao Exército, no Brasil, informações adicionais sobre a guerra que iriam enfrentar. (FERRAZ, 2005: 45)*

A questão do recrutamento começou a ser definitivamente um problema quando a ideia de recrutar soldados já treinados e com equipamentos utilizáveis em um combate de tal porte foi barrada pelo Ministério da Guerra. Pensando em possíveis ataques e/ou tentativa de ocupação em território nacional, o que poderia sim ter acontecido optou-se por abrir mão dos batalhões da Arma de Infantaria localizados na região nordeste, com o fito de evitar que o litoral ficasse exposto a vulnerabilidade, isto é, nada mais que medidas de segurança nacional haja vista que a Infantaria possui um treinamento rigoroso por constituir a linha de frente em um combate.

Diante disso, iniciaram-se o recrutamento nos quatro cantos do país no qual o objetivo era convocar militares, conscritos convocados<sup>4</sup> e inclusive voluntários<sup>5</sup>. Para ser convocado seria necessário que o sujeito atingisse alguns requisitos para tal, e o mais curioso e surpreendentemente é que o maior responsável pelo número de dispensas era a dentição “inadequada” para a prestação de serviços, logo que vincula-se tal fato à saúde física e soldados “baixados<sup>6</sup>” em combate é um fardo.

*[...] os resultados dos exames físicos e psicológicos desnudaram um quadro alarmante da situação sanitária da população brasileira. Desnutrição, doenças crônicas, parasitárias, patologias circulatórias, pulmonares e dermatológicas caracterizavam expressiva parcela da população examinada, inclusive praças e oficiais do Exército regular [...]. (FERRAZ, 2005: 46)*

Com as reprovações, não foi atingido um número suficiente de convocados<sup>7</sup>. Para a solução do problema, decidiu-se abrandar as exigências com o escopo de atingir a meta estipulada a priori de 60 mil homens. Muitos dos que foram convocados não estavam

<sup>3</sup> “O general Mascarenhas de Moraes foi o escolhido para o comando do que seria a primeira das três divisões de exército a serem enviadas para a guerra. Mascarenhas sempre se mostra refratário a questões políticas e avesso à procura de popularidade entre a tropa, e a mantinha a correção profissional. [...]”. (FERRAZ, 2005: 44-45)

<sup>4</sup> Grupo de brasileiros chamado para a seleção para prestação de Serviço Militar; ver sobre o assunto em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto/d57654.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/d57654.htm)

<sup>5</sup> “[...] pouco mais de mil homens, em um contingente de 25 mil selecionados”. (FERRAZ, 2005: 49)

<sup>6</sup> Termo e/ou gíria militar para designar soldado ferido, enfermo ou em processo de recuperação.

<sup>7</sup> “[...] foram realizadas 107.609 inspeções de saúde, e reprovados 23.236 convocados”. (FERRAZ, 2005: 48)

capacitados para o combate no que tange à saúde física e psicológica. Diante disso, aponta Ferraz (2005), na página 48: “Como resultado, durante a guerra na Itália, os expedicionários feridos ou que contraíram doenças em combate tiveram de dividir as atenções e os leitos com aqueles que precisaram realizar, no *front*, o tratamento de doenças que levavam do Brasil”.

Diante da precariedade no recrutamento havia o agravante das tentativas de dispensa do Serviço Militar por alguns selecionados para o contingente, principalmente os pertencentes à elite. “Estes conseguiram dispensa ou transferência para guarnições de defesa local. [...] Também eram usados por militares regulares, que escapavam de ir à guerra, [...]” (FERRAZ, 2005: 48). Algo parecido ocorreu com os missionários da Congregação do Santíssimo Senhor Redentor, que almejavam a isenção do Serviço Militar de seus juvenistas por medo da guerra.

## **2. Os missionários Redentoristas alemães residentes no Brasil e o medo do recrutamento**

Com o advento da Segunda Guerra Mundial novos recrutamentos com o fito de fortalecer as Forças Armadas brasileiras voltaram a ocorrer em todo território nacional, visando o preparo para possíveis conflitos envolvendo o Brasil, objetivando a proteção do país e contingente suficiente para ser mandado para o front, afinal tempo de guerra é tempo de guerra.

Com o momento de beligerância a nível mundial o Exército teve que expandir seus critérios de seleção para o contingente de forma a ser menos rigoroso na “escolha” de recrutas para o seu demasiadamente severo treinamento de guerra. Devemos sim levar em consideração que no período da Segunda Guerra Mundial houve o recrutamento de voluntários, não obstante, visamos aqui ater nossa análise na questão dos recrutados, dentre estes, membros da Congregação Redentorista.

Em análise as fontes, identificamos que o recrutamento era realizado da seguinte forma: os jovens que estivessem com a idade de prestar o serviço alistavam-se, e era realizado um sorteio. Entretanto, nossas fontes não especificam se tal sorteio seria para obrigatoriamente servir, ou se todos os alistados que estivessem prestando o serviço estariam envolvidos no sorteio e dentre estes ter-se-ia o resultado daqueles que seriam designados para o contingente de combatentes.

No entanto, ao observar a data da carta que contém tais informações, percebemos que está datada de 26 de setembro de 1941, e como o Brasil só declara apoio aos Estados Unidos em 1942, acreditamos que seja um sorteio realizado para definir quais jovens seriam recrutados para prestar o serviço militar obrigatório. Para corroborar que as fontes carregam uma narrativa que deixa a interpretação aberta à subjetividade, vejamos como a mesma trata do assunto:

*[...] Pelo Tiro de Guerra entregamos todos os futuros redentoristas ao serviço militar, enquanto o sorteio militar estabelecido pela lei atinge apenas uma parte ou porcentagem reduzida e nem todos são chamados. Entre dois males escolhe-se sempre o mal menor. [...] Estive com confrades franceses e tchecoslovacos, que tinham serviço militar obrigatório. [...] Apesar do serviço militar geral, não foram chamados todos. Aqui há apenas o sorteio. O mal menor é, portanto, entregar os sorteados e chamados. Não posso acreditar que os nossos quartéis brasileiros sejam piores do que, por exemplo, os franceses. (COPRESP A, 1941-1944, carta 5815, p. 122).*

Além da população ser amedrontada pelo risco de serem convocadas pelo Exército, os próprios Redentoristas eram receosos quanto a convocação dos seus para o serviço militar que teve início em meados de 1940, pois tendo que cumprir suas obrigações com o serviço militar, deixariam de exercer suas funções dentro da Congregação ou se ausentariam de seu noviciado em caso de jovens em idade de alistamento.

Outro fator que podemos pensar acerca de tais jovens é que não estariam sendo vigiados por seus superiores religiosos em sua rotina militar, o que poderia culminar em um abalo a fé dos mesmos fazendo com que estes repensassem a ideia de serem padres para quem sabe até seguir a carreira militar ou outros caminhos.

Um exemplo dessa pusilanimidade por parte dos Redentoristas é visto no trecho da seguinte carta, em que o Padre Antônio Ferreira de Macedo conta ao Padre Geraldo Pires de Sousa que dois frades da Congregação não se apresentaram à convocação do serviço militar:

*Com esse negócio de alistamento, tive que pedir informações nas casas dos clérigos. O resultado foi que as respectivas J.M.A<sup>8</sup>. informaram que o Fr. Pio, Fr. Birk e Fr. Rego são insubmissos, isto é, foram sorteados há tempo e nem deram satisfação. Que fazer agora?!... O melhor é a gente ficar quieto e deixar a coisa correr para o esquecimento. (COPRESP A, 1930-1940, carta 5590, p. 413)*

---

<sup>8</sup> Sigla referente ao que era chamado na época de Junta Militar de Alistamento.

Ainda diante de tal acontecimento, podemos destacar que os missionários ainda auxiliavam os frades a omitir tal fato criando argumentos, segundo sua visão plausíveis, para que seus companheiros seguissem em déficit com o serviço militar, como por exemplo: “[...] Até agora não reclamaram; portanto, a culpa é deles... Com o tal direito de cidadão, não temos nada a lucrar. Prender, eles não nos prendem. Endireitar agora o torto também é muitíssimo difícil. Por isso, fiquemos quietos”. (COPRESP A, 1930-1940, carta 5590, p. 413).

O medo do recrutamento dos missionários transcendia aos possíveis combates, pois poderia complicar a rotina já complicada dentro dos conventos, desorganizando toda a estrutura de incumbências<sup>9</sup> desempenhadas por todos os membros. É válido salientar ainda, que o fato de serem religiosos era usado como argumento em favor do não recrutamento dos mesmos, pois firmaram o ideário de que não seriam legítimos soldados.

Subentende-se então que por aprenderem dentro da Congregação Redentorista práticas de paz e não de guerra, a semear a caridade e o auxílio aos necessitados não seriam capazes de tornarem-se bons combatentes. Ou na pior das hipóteses, serem corrompidos ao amor à pátria em detrimento do amor à Deus. Podemos compreender claramente a ignávia Redentorista através dos trechos da seguinte carta do Padre Pedro Henrique Floerchinger ao Padre João Batista Kiemeier:

*[...] Isso naturalmente poria toda nossa organização fora dos eixos e assim mesmo, os rapazes não seriam verdadeiros soldados. Só posso dizer que sou contrário por diversas razões. Não sei o que o senhor pensa sobre o caso. Em todo caso, será bom conversar com o Pe. Vice-Provincial sobre o caso, comunicando-me depois o que se deva fazer. (COPRESP A, 1941-1944, carta 5809, p. 117).*

Os missionários mais velhos indignavam-se com o fato do alistamento ser obrigatório, e os seus noviços precisarem se submeter a tal. Pressupunham que o alistamento dos jovens religiosos era um mal ao qual estariam subjugados bem como uma doença que poderia levar a vida dos mesmos a ficar por um fio. E somente algo de força maior e sobrenatural poderia interceder pelos redentoristas pujantes, logo que se fossem ao campo de batalha poderiam não regressar e cumprir sua missão de fé. E é diante de tais circunstâncias que o Padre Geraldo Pires

---

<sup>9</sup> Cada missionário possuía suas obrigações dentro da Congregação, como por exemplo: padre provincial, padre visitador, superior geral, dentre outras funções.

de Sousa responde a carta do Padre Pedro Henrique Floerchinger, dando o seu parecer acerca do recrutamento dos noviços, autorizando o alistamento:

*[...] Mas tenha fé em Deus. Saberá tirar proveito do mal. Não fomos nós que pusemos esse estado de coisas. Dê, portanto, os passos para a necessária inscrição. Todos os seminários estão recorrendo a isso. Redobremos de oração e de vigilância e de importunação ao anjo da guarda e todos os demônios entrarão na manada de porcos. (COPRESP A, 1941-1944, carta 5813, p. 34)*

Havia o temor por parte dos religiosos superiores que o serviço militar desviasse a conduta de seus noviços, pois estes ainda não haviam realizado os votos e por serem demasiadamente jovens poderiam ceder ao ímpeto da idade e colocar a perder sua vida religiosa. No serviço militar não estariam sob vigília de religiosos e o contato com outros imberbes poderiam influenciar sua postura moral. “[...] estão justamente nos anos de puberdade; aumentamos, portanto, consideravelmente as suas dificuldades no caminho da sua vocação, indo eles cada domingo a Guará”. (COPRESP A, 1941-1944, p. 122)

Entretanto, o fato de noviços de outras congregações prestarem serviço militar juntamente com os jovens Redentoristas não tranquilizava os superiores, pois o risco estava perante a todos. Ou melhor, estariam diante de um novo risco, afeiçoar-se a ideologia de outra Congregação e os Redentoristas perder um dos seus para outros religiosos. No entanto, este seria um risco pequeno logo que a Congregação do Santíssimo Senhor Redentor era referência exemplar no trabalho missionário que realizava em prol da comunidade nas localidades de suas vice províncias.

*[...] O fato de outros seminários fazerem o Tiro, para nós não pode ser decisivo; pois até agora o nosso seminário tem sido o modelo para os outros por causa do resultado que deu em nossa zona. Não nos devemos, portanto, degradar a imitadores de outros que não tem o resultado que nós temos. (COPRESP A, 1941-1944, carta 5815, p. 122)*

As lembranças do recrutamento e da guerra ainda estavam latentes na memória dos Redentoristas, logo almejavam que fosse possível alguma medida para que pelo menos os seus ficassem alheios ao alistamento, o que em um momento de beligerância seria quase impossível, pois o recrutamento tem por escopo exatamente o contrário. Mas, seria absolutamente arrasador perder seus noviços para a guerra.

*[...] Os tempos são de guerra e isso poderia também acarretar lembranças de recrutamentos. O triênio está no fim e por isso também resolvo adiar a solução do caso. Suspenda, pois, qualquer inscrição que haja feito. Vamos pesar as várias soluções possíveis para evitar surpresas mais tarde. O fato é que o pessoal do Sul dificilmente escapa do sorteio. Isso é fato sabido. Quem sabe a Providência<sup>10</sup> apontará outro caminho para o espírito atribulado de quem precisa achar um trilho ao menos. (COPRESP A, 1941-1944, carta 5820, p. 129)*

Não obstante, a situação do recrutamento dos juvenistas poderia ser suspensa se fosse promulgada uma determinada lei, que as fontes citam constantemente, porém, não explicitam de fato quais soluções esta poderia acarretar a situação enfrentada pela Congregação, nem o que de veras seria. No entanto, podemos entender que esta lei anularia o recrutamento ou desincumbência do serviço militar obrigatório para religiosos.

Vejam os como as fontes narram de forma obscura acerca da lei, diante das palavras do padre Geraldo P. de Sousa: “[...] Vamos, pois, confiar na Providência e esperar com a solução do caso. Quem sabe aparece a tal lei prometida. E assim evitaremos um mal maior ficando com o menor e esse entregue à Providência”. (COPRESP A, 1941-1944, carta 5821, p. 129)

A lei<sup>11</sup> que isenta religiosos do serviço militar foi promulgada muito posteriormente ao fim do período de guerra, estando prevista na Constituição Brasileira de 1988<sup>12</sup>. A lei é clara em seu objetivo mencionando que, “Art. 5º As mulheres e eclesiásticos ficam isentos do Serviço Militar Obrigatório em tempo de paz, sujeitos, porém, de acordo com suas aptidões, a encargos do interesse da mobilização<sup>13</sup>”.

Logo, podemos perceber que se a mesma houvesse sido decretada durante a Segunda Guerra Mundial os juvenistas da Congregação do Santíssimo Senhor Redentor não teriam chances de isentarem-se, pois só é válida para tempos de paz, logo que em tempo de guerra pressupõe-se que ninguém almeja ser recrutado para combate.

### **3. Considerações finais**

---

<sup>10</sup> Entende-se que o termo “Providência” está relacionado com uma espécie de manifestação divina.

<sup>11</sup> Lei Nº 8.239, de 4 de outubro de 1991.

<sup>12</sup> Regulamentada no art. 143, §§ 1º e 2º da Constituição Federal, na sessão que discorre acerca do Serviço Militar.

<sup>13</sup> Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/L8239.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L8239.htm) (acessado em 07/05/2016, às 15h37).



Diante disso, podemos compreender que os missionários Redentoristas tentaram conseguir que seus juvenistas fossem isentos do Serviço Militar, com medo de que estes fossem recrutados para a guerra e que isso culminasse no perecimento de vidas ainda primaveris. Haviam ainda, outros agravantes que devido as circunstâncias em que se encontrariam, longe dos olhos de quem os pastorava, poderiam afastar-se do caminho em prol da fé o qual estavam fadados se continuassem contíguos, logo que estariam sujeitos a novas experiências de vida, e caso sobrevivessem poderiam ensejar seguir outras trajetórias que não fosse a vida clerical, como por exemplo, a carreira militar.

Não podemos esquecer do risco de que os jovens estudantes, isto é, noviços, que fossem recrutados corriam, o de cair em promiscuidade dissuadindo-se dos ensinamentos de seus superiores influenciados pelo ideário daqueles companheiros de farda que não dedicavam-se a vida religiosa. É válido salientar que tal promiscuidade não diz respeito apenas à voluptuosidade, mas também a embriaguez e ao uso de drogas que era algo comum ao front.

Destarte, podemos concluir que os missionários da Congregação do Santíssimo Senhor Redentor eram contrários ao alistamento militar de seus juvenistas durante o período da Segunda Guerra Mundial não apenas pelo medo de baixas em combate, mas por motivos inerentes a vida clerical. O medo de perder seus jovens membros da Congregação, o que seria prejudicial para a estabilidade da mesma, logo que esta levou muito tempo para se solidificar quando se estabeleceu no Brasil.

Além disso, havia o fato de que aqueles recrutados que não são religiosos porém, fieis, seria outrossim, prejudicial para o crescimento do catolicismo no Brasil. Logo, o medo fez com que os missionários Redentoristas fossem contra o recrutamento de seus membros durante o período da Segunda Guerra Mundial.

## **Referências**

FERRAZ, Francisco César. *Os brasileiros e a Segunda Guerra Mundial*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto/d57654.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/d57654.htm) (acessado em 06/05/2016, às 22h11).

[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/L8239.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L8239.htm) (acessado em 07/05/2016, às 15h37).